**MULTICULTURALISMO E EDUCAÇÃO DO CAMPO: INTERFACES**

Luciana Maria Alves

Profa. Esp. da Rede Municipal de Ensino de Francisco Dantas – RN,

[lm.alves2010@bol.com.br](mailto:lm.alves2010@bol.com.br)

Geralda Maria de Bem

Profa. Ma. da Rede Municipal de Ensino de Pau dos Ferros – RN,

Membro do Grupo de pesquisa Núcleo de Estudos de Geografia Agrária e Regional - NUGAR-UERN, [geraldabem@hotmail.com](mailto:geraldabem@hotmail.com)

**Resumo:** Este estudo caracterizou a importância da educação do campo, veiculada na formação dos educadores, bem como a ação pedagógica desenvolvida no campo educativo. Tem como objetivo discutir a relação entre o multiculturalismo e educação do campo e as críticas centradas nas diferenças culturais. O texto é um recorte da monografia intitulada: Multiculturalismo e escola do campo: prática docente classes multisseriadas. Tivemos como abordagem metodológica, pesquisa bibliográfica com foco nas obras de autores que discutem a temática em estudo Canen (2002), Candau (2010), Cavaliere (2002, p.61), além da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN, 9394/96, entre outros. E ainda, buscamos relacionar o multiculturalismo com a educação do campo, por contextualizar uma política de lutas e mudanças na educação, incluindo a diversidade cultural e as desigualdades culturais vivenciadas na sociedade. Assim, compreendemos que o multiculturalismo está centrado nas diferenças culturais em que abrangem as comunidades locais e regionais, nos movimentos sócios-culturais étnicos e econômicos. Por fim, este estudo nos possibilitou uma reflexão acerca da importância do multiculturalismo e educação evidenciando que haja interação e entendimento diante dos contextos, levando a entender que devemos respeitar o outro, os valores e as diferenças.

**Palavras-chave:** Educação do campo. Multiculturalismo e Educação. Diferenças Culturais.

**Introdução**

A relação multiculturalismo e educação são situadas em um contexto político e de lutas por mudanças, rompendo com o modelo padronizado e uniformizado de educação, caracterizando o compromisso em defesa da diversidade cultural e na crítica às desigualdades culturais e identitárias. O movimento teórico contesta preconceitos e discriminações aos grupos culturais historicamente situados em condições de inferioridade, a exemplo dos sujeitos do campo.

Este texto faz parte do segundo capitulo da monografia intitulada: Multiculturalismo e Prática Docente em Classes Multisseriadas, do Curso de Especialização em Educação e Linguagem para a Multiculturalidade, do Departamento de Educação, do Campus Avançado Prof.ª Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM/UERN), tem como objetivo discutir a relação entre o multiculturalismo e educação do campo e as críticas centradas nas diferenças culturais. Tivemos como abordagem metodológica, pesquisa de campo, bem como as obras de autores que discutem a temática em estudo: Canen (2002), Candau (2010), Cavaliere (2002, p.61), além da Lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional - LDBEN, 9394/96, entre outros.

Assim, compreendemos que o multiculturalismo está centrado nas diferenças culturais em que abrangem as comunidades locais e regionais, nos movimentos sócios-culturais étnicos e econômicos. De acordo com Canen (2002), numa abordagem mais conservadora, as diferenças culturais adotam princípios do darwinismo social, privilegiando a assimilação cultural como mecanismos de integração. Os diferentes grupos raciais defendem sua cultura racial, a exemplo do branco defender a cultura do branco.

Dessa forma, a sociedade necessita de conscientizar-se sobre as diferenças raciais e étnicas, inseridos no campo social, se caracteriza como ponto fundamental nas comunidades menos favorecidas, a exemplo do campo, em que está inserido.

A relação multiculturalismo e educação são situadas em um contexto político e de lutas por mudanças, rompendo com o modelo padronizado e uniformizado de educação, caracterizando o compromisso em defesa da diversidade cultural e na crítica às desigualdades culturais e identitárias.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: na primeira parte, elucidamos sobre o multiculturalismo e a educação; na segunda seção, apresentamos reflexões sobre o multiculturalismo e educação do campo; e por fim, nossas considerações finais.

**2- O multiculturalismo e a educação.**

Segundo Candau (2010), existem vários tipos de multiculturalismo, dentre eles, podemos citar o multiculturalismo descritivo, propositivo, assimilacionista, diferencialista ou monocultura plural. O multiculturalismo se fundamenta em diversas abordagens e que dependem do contexto histórico, político e sociocultural.

De acordo com Candau (2010), a abordagem descritiva demonstra que o multiculturalismo faz parte das características da sociedade atual no contexto histórico, político e sociocultural. A mesma se destaca na sociedade brasileira, sendo diferenciada das demais sociedades europeias e estadunidenses, diante do conceito específico de multiculturalismo.

A perspectiva propositiva entende o multiculturalismo não só como a realidade, mas como a maneira de atuar, intervir e transformar a dinâmica social, que vai além, ou seja, inclui projetos políticos culturais de forma democrática.

A abordagem assimilacionista parte da afirmação de que vivemos numa sociedade multicultural, no sentido descritivo. Nessa sociedade não há igualdade entre os grupos, ela favorece todos a se integrarem na sociedade e incorpora-se na cultura homogênea. Outra concepção é denominada de multiculturalismo diferencialista ou monocultura plural. Essa concepção garante a expressão de diferentes identidades culturais presentes no contexto, com liberdade coletiva. Aqui os diferentes grupos socioculturais poderão manter-se na matriz cultural de base, tendo acesso a seus direitos sociais e econômicos vigentes nas comunidades em geral.

Na perspectiva intercultural, promove uma educação para o reconhecimento do outro, para o diálogo entre diferentes grupos sociais e culturais. Neste caso, a educação e a negociação cultural, enfrentam conflitos entre diferentes grupos na sociedade visando à inclusão da diferença.

Diante da perspectiva da intercultural idade, a tarefa é complexa e desafiante para educação, pois o diálogo intercultural assume a abordagem da orientação liberal entre os diferentes grupos socioculturais, viabilizando a diversidade de expressão dos grupos. Diante da perspectiva multi/intercultural expressiva, podemos destacar que há o reconhecimento da diferença na educação escolar como algo inerente. Para Candau (2010, p.23), “se a cultura escolar é em geral, construída e marcada pela homogeneização, e por um caráter monocultural, inviabilizamos as diferenças, em que tendemos a apagá-las, são todos alunos, são todos iguais”. Neste caso, a diferença é constitutiva da ação educativa, que necessita ser identificada, revelada e valorizada.

Nessa perspectiva, as posições alcançadas no contexto social referente a educação, a diferença cultural diante do discurso da igualdade pode mascarar diferença de classe, gênero, etnia, raça, entre outros. No campo, por exemplo, há uma diversidade de sujeitos que os fazem iguais e diferentes, pois ao serem homens e mulheres ocupam lugares diferentes. Os excluídos dos direitos hierarquizados na sociedade devem ser prioritários a reivindicação das políticas da educação do campo.

O multiculturalismo crítico tem sido tensionado por posturas pós-modernas e pós-coloniais como desafios a preconceitos, na linguagem e construção do discurso em diferentes contextos. Neste caso, a visão pós-moderna ou pós-colonial, focalizam os processos pelos quais nos discursos de Canen (2002), não só representam a realidade, mas são constitutivos do mesmo.

Isso significa que a maneira e as visões do multiculturalismo crítico, na perspectiva pós-colonial e pós-moderna do multiculturalismo buscam descolonizar expressões preconceituosas. Levando em consideração o fato que o multiculturalismo percebe as identidades plurais na construção da sociedade, entre outras características, deve ser incorporada nos currículos e práticas pedagógicas.

O cerne do multiculturalismo crítico pós-colonial é um desafio para a sociedade e para a desconstrução da inferioridade das diferenças nos discursos e nas linguagens, passando a denunciar e incluir o caráter de construção de identidades individuais, coletivas e organizacionais diante da diversidade cultural, entre outros elementos surgidos nos diferentes grupos sociais.

No campo educacional, nada impede que o professor multiculturalmente comprometido utilize suas práticas, para que sejam vinculadas a perspectivas críticas do multiculturalismo. Nosso argumento é que tenha um projeto amplo de multiculturalismo, no qual o professor perceba os pressupostos e implicações entre diferentes tipos de trabalho, e possam utilizar estratégias que envolvam a cidadania crítica e democrática.

Dessa forma, levar o aluno a sensibilizar as formas plurais das percepções culturais diversificadas, não significa ter valores significativos, de forma acrítica, na sociedade. A partir desse momento, os professores poderiam trabalhar estratégias multiculturais voltadas para a pluralidade cultural na sala de aula, valorizando as culturas locais e regionais, desafiando as diferenças existentes no âmbito cultural.

Para tanto, o professor que deseja trabalhar em sala de aula a multicultural idade ao influenciar a relação de igualdade, deverá encorajar o respeito às diferenças, referendado por um currículo nacional, supostamente, “igual” para todos. O ocultamento da diferença não é um objetivo desejável, mas é realista. O educador trabalha com os alunos a mensagem de que as diferenças são algo que não se pode ou não se deve ser comentada. O objetivo coerente é de explorar as diferenças, presentes na sociedade em geral.

A política educacional nacional tem referências às questões da diferença, como posto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/1996, e mais objetivamente tratado, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que tem uma referência concreta ao trato das diferenças na escola. Nos seus escritos, os PCNs sustentam teoricamente conceitos como: pluralidade cultural, transversalidade, ética, cidadania e autonomia. De acordo com os PCNs, (BRASIL, 1997, p. 28),

A pluralidade cultural existente no Brasil é fruto de um longo processo histórico de interação entre os aspectos políticos e econômicos no plano nacional e internacional. Esse processo apresenta uma construção cultural histórica em termos nacionais perante as características regionais e locais. (BRASIL, 1997, p. 28)

Nesse caso, a pluralidade no Brasil são traços deixados desde a antiguidade até os dias atuais que se concretizam em forma de preconceito e discriminação racial e étnica em diferentes contextos sócio construtivos.

O multiculturalismo sempre esteve presente na sociedade, uma vez que são frequentes as lutas contra o preconceito e as diferenças multiculturalistas, inseridas nos grupos sociais. A visão homogeneizadora e estereotipada de nós mesmo, faz parte da identidade cultural e é vista como dado natural. Neste caso, a identidade cultural é fundamental na dimensão pessoal e coletiva, em que nossos enraizamentos culturais do processo de hibridização, negação e silenciamento de determinados pertencimentos culturais, são capazes de reconhecê-los, nomeá-los e trabalhá-los, constituindo-se um exercício fundamental para enriquecer a cultura.

A cultura na prática educativa supõe um processo de desconstrução de práticas naturalizadas e enraizadas no trabalho docente, exigindo do educador conhecimento de sua cultura e que seja capaz de criar novas maneiras de desenvolvê-lo em sala de aula.

Nessa perspectiva, a escola é o lugar que constrói diferentes linguagens e expressões culturais presentes no cotidiano escolar. Este modelo não trata simplesmente de introduzir na escola, as novas tecnologias de informações e comunicação, mas dialogar com os processos de mudanças culturais, integração entre as diferentes identidades presente na sociedade.

O trabalho com a multiculturalidade começa com os sistemas educacionais concretizados em ações conjuntas de gestores, professores e alunos independentes dos diversos níveis e modalidade de ensino. As transformações do sistema educacional têm como principal objetivo melhorar a qualidade do ensino, de acordo com as necessidades enfrentadas nas práticas pedagógicas da sala de aula.

É notório que as escolas vêm assumindo compromissos educacionais levando em conta as diretrizes das políticas públicas da educação, envolvendo os temas transversais nas propostas curriculares, como se refere Cavaliere (2002, p.61).

O processo de escolarização de grandes massas da população brasileira envolve novas funções, diante do esvaziamento e das responsabilidades da escola, expresso entre outros fatores, envolvendo as condições precárias do ambiente físico, a redução de jornadas, pela multiplicação de turnos, a desorientação didática pedagógica e pela qualidade de formação dos professores. (CAVALIERE, 2002, p. 24 *apud* ELDER 2000, p. 61)

Neste caso, é necessário que haja ampliação nas instituições escolares visando melhoria no ambiente de trabalho e formação continuada de professores em que possam melhorar a qualidade de ensino.

Diante das experiências e inspirações para os educadores, as crianças quando chegam à escola trazem seus conhecimentos e o professor deverá auxiliá-los para a aprendizagem e a participação dos mesmos. Os materiais de ensino-aprendizagem confeccionado pelos próprios alunos são sugestões para o professor utilizar como propostas para facilitar a compreensão do processo avaliativo e analisar as competências e a capacidade de desenvolver suas profissões na vida escolar e social.

É preciso deslocar a diferença existente na sociedade. A classe subalterna no Brasil porta uma forte cultura popular, rica e diversificada, a qual deixa claro que não ser letrado ou versado em letra e erudito, não significa não ser culto. É necessário que as pessoas aprendam a ler, a alfabetizar-se para conseguir emprego e desenvolva a sabedoria, diante da cultura popular rica e diversificada no Brasil.

**Multiculturalismo e educação do campo**

Sabemos que a educação do campo é um conceito em construção, no qual se refere às políticas públicas que envolvem os sujeitos do campo, aliada aos processos da produção da existência social desses trabalhadores rurais. As escolas do campo trazem marcas das diferenças e desigualdades sociais, raciais, étnicas reproduzidas pelo processo de invisibilidade social. (SANTOS, 2012). O multiculturalismo da realidade do campo está presente nas comunidades, nos sujeitos que desenvolvem a cultura local e nas diferenças étnicas, raciais e gênero e geração.

No campo o multiculturalismo também existe. Existem culturas diferentes nesse espaço. O campo é feito da diversidade. A cultura camponesa da nossa região é diferente da do sul. Sendo num mesmo município as comunidades possuem culturas diferentes.

Para ser coerente com um projeto que respeite as diferenças culturais, o projeto de educação do campo é construído sob as bases e garantias da universalidade do ensino. O universal não deve negligenciar a heterogeneidade dos sujeitos que vivem no campo. Para os camponeses a luta pela educação, como direito universal não é apenas uma questão de acesso, de ter direito a estudar e se organizar, mas direito a serem reconhecidos com sujeitos que possuem práticas diferentes da organização do trabalho e da cultura camponesa, não sendo a mesma ingressada no capitalismo. Por sua vez, o reconhecimento da diferença não pode ser confundido com a valorização da fragmentação, pluralidade da proliferação das periferias em que oculta à relação desigual no capitalismo contemporâneo.

Ainda há uma tendência dominante em nosso país no almejado projeto de modernidade, marcado por exclusões e desigualdades, considerar a população que vive no campo, como parte atrasada e fora do lugar, por apresentar uma cultura diferenciada das pessoas que vivem na cidade.

Todo ser humano tem uma cultura, uma origem, uma história e costumes que informam sua vida cotidiana e seus comportamentos diferenciados. Portanto, os grupos sociais também os têm, quase sempre, tidos como homogêneos. Sendo assim, é importante abordar as diferenças culturais a partir das perspectivas que todo ser humano apresenta.

Neste caso, na sala de aula, é importante que o professor comece a trabalhar as origens e culturas a partir do nome do aluno. É a partir da origem de seus nomes completos que eles desenvolvem sua origem cultural e histórica. As diferenças de linguagem também é outra maneira de aprendizagem sobre a diversidade, entre outras experiências diretas das crianças sobre o preconceito e a discriminação em sala de aula.

Diante do multiculturalismo podemos enfocar a diferença na religião, no sexo, nas famílias. O professor também deverá trabalhar em sala de aula as diferenças nas aptidões e habilidades em sala de aula, enfocando a inclusão, e realizar um experimento entre o gostar e o não gostar, para trabalhar o preconceito. Em relação à inclusão social de escola e comunidade, alunos e professores deverão trabalhar como agentes de mudança dispostos a enfrentar os desafios estenotipados diante do comportamento opressivo e da discriminação.

Neste caso, as crianças precisam compreender as diferenças como desafio contínuo. Para isso precisamos continuar a trabalhar em sala de aula valores e crenças envolvendo a diversidade de acordo com o conhecimento do aluno.

**Conclusão**

Sabemos que o multiculturalismo e educação estão interligados. Dessa forma, a ação pedagógica desenvolvida nas escolas, nos leva a entender que a diversidade cultural está presente em toda a sociedade. Enquanto seres pensantes, a escola desenvolve um papel importante, incluindo a pluralidade cultural, demonstrando os direitos e deveres dos grupos sociais étnicos e raciais, em que encontram-se inseridos seja cidade e campo.

O trabalho com a multiculturalidade começa com os sistemas educacionais concretizadas em ações conjuntas de gestores, professores e alunos independentes dos diversos níveis e modalidade de ensino. As transformações do sistema educacional têm como principal objetivo melhorar a qualidade do ensino, de acordo com as necessidades enfrentadas nas práticas pedagógicas da sala de aula.

Por fim, este estudo nos possibilitou uma reflexão acerca da importância do multiculturalismo e educação evidenciando que haja interação e entendimento diante dos contextos, levando a entender que devemos respeitar o outro, os valores e as diferenças.

**Referências**

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Lei n. 9.394, de 23 de dezembro de 1996, que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, MEC, 1993.

\_\_\_\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** PluralidadeCultural, Orientação Sexual \_ Brasília: MEC/SEF, 1997.

CANEN, Ana. Renato, José de Oliveira. FRANCO Monique. Ética, Multiculturalismo e Educação: Articulação Possível? Faculdade de Educação, Universidade Federal do RJ, **Revista Brasileira de Educação.** 2000 Jan/Fev, Mar/Abril.

\_\_\_\_\_\_\_\_. O Multiculturalismo e seus Dilemas: implicações na Educação. Revista Comunicação e Política. **Dossiê Educação e Desenvolvimento**, v. 25, n°2, p. 91-

107, 2007.

CANDAU, Vera Maria (org.). Antônio Moreira. **Multiculturalismo:** Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas. 4 ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes 2010.

CAVALIERE, Ana Maria. **Educação Integral**: uma nova identidade para a escola brasileira? Educação & Sociedade, Campinas, v. 23, n. 81, p. 247-270, dez. 2002.

SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. **Nas veredas por reconhecimento social**: o papel da educação na desconstrução da inferioridade dos sujeitos do campo. 2012. f. 264. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2012.